

A Voz do Operário e a perspectiva sociocultural: razões de eleição

Na construção de uma escola democrática a perspectiva sociocultural da educação assume cada vez mais um papel de referência e destaque. Esse destaque deve-se a diversos fatores, entre eles a aceitação generalizada de uma visão dos processos escolares de ensino e aprendizagem apoiada nas teorias socio-construtivistas. Para estas, a construção do conhecimento é concebida como um processo de co-construção, com um carácter intrinsecamente social, interpessoal e comunicativo, e o ensino como um processo complexo de estruturação e orientação, mediante diversos apoios e suportes dessa construção.

A construção do conhecimento é entendida como um processo de interação social compartilhado entre os diferentes atores. Esta interação dá-se em contextos socialmente definidos, onde a sala de aula é um meio privilegiado para a participação dos alunos em práticas culturalmente organizadas com ferramentas e conteúdos culturais. A comunicação e a construção de novos conceitos ocorrem em práticas nas quais a linguagem desempenha um papel fundamental. É por meio da linguagem que as versões sobre o conhecimento se constroem e é através dela que se desenvolve o pensamento. Deste ponto de vista, a aprendizagem é um processo distribuído entre professor e aluno, interativo, contextual e que é resultado da participação dos alunos numa comunidade de práticas. A principal meta a ser alcançada pelos alunos é a da apropriação dos recursos da cultura através da participação com outros mais experientes em atividades conjuntas imersas nessa própria cultura. A aprendizagem em colaboração e co-construção não se resume exclusivamente à interação entre professor e aluno. A interação entre pares é reconhecida como um contexto social privilegiado de partilha e construção de significados, em que se põem em prática mecanismos como os de expressão e de reconhecimento de pontos de vista, criação e resolução de conflitos, entre outros. É portanto, um processo no qual a diversidade presente em todos os alunos representa um papel exclusivo e absolutamente necessário como fonte de desenvolvimento cognitivo e social. Nesta conceção, o conhecimento e o pensamento são sempre atividades socio-culturais onde professor e alunos estão conjuntamente envolvidos em argumentar, medir, observar e também a ler, escrever e quantificar. Atividades estas que cumprem o seu objetivo fundamental que é o de informar e comunicar. Assim, compartilhar o objeto

de discurso permite a criação de uma intersubjetividade coletiva que é condição necessária para o desenvolvimento de situações de aprendizagem-ensino.

Para além de desenvolver conhecimentos, técnicas e procedimentos, também se constroem redes de comunicação interpessoais, desenvolvem-se modos de relações sociais e práticas de trabalho em colaboração. Para o desenvolvimento desta perspetiva é preciso dar uma atenção privilegiada aos processos de apoios às aprendizagens. Os processos de apoio ao desenvolvimento das aprendizagens são realizados mediante um conjunto de procedimentos e instrumentos de regulação da atividade conjunta, quebrando a ditadura imposta pelo modo simultâneo (as mesmas atividades para todos os alunos realizarem ao mesmo tempo, com o mesmo ritmo, etc.). Estes apoios só são possíveis graças à negociação e ao estabelecimento de objetivos de trabalho coletivos e individuais, previamente acordados, que serão objeto de monitorização sistemática, quer pelo professor quer pelos alunos. A apropriação de objetos de conhecimento e de ferramentas culturais pressupõe que essas ferramentas sejam incorporadas através da atribuição de sentido, incorporadas no repertório de práticas e a sua utilização compartilhada com os restantes membros da comunidade.

Os processos de troca e negociação no seio das aprendizagens realizam-se por meio de participação guiada. Esta supõe o professor como guia e suporte para as aprendizagens dos alunos. Ao mesmo tempo que participa nas atividades com os alunos também lhes disponibiliza diferentes tipos de ajuda, de acordo com o que cada um mais precisa, construindo pontes entre o nível de desenvolvimento atual e níveis de desenvolvimento mais complexos, estruturando a participação dos alunos e transferindo o controlo da atividade gradualmente até que o sejam capazes de a realizar autonomamente. Frequentemente, colegas mais competentes são também eles um recurso para o desenvolvimento das aprendizagens. Nunca é demais reforçar que, em qualquer interação as influências são recíprocas. O que significa que o resultado de uma atividade conjunta nunca será outra coisa que não um produto comum. Imersa nesta perspetiva sociocultural, a escola é um espaço social onde as responsabilidades de formação, aprendizagem e desenvolvimento são cooperativamente partilhadas entre os vários atores educativos. Se é evidente que professores e alunos fazem parte desta comunidade, não é menos evidente que as famílias e os trabalhadores não docentes bem como as estruturas e organizações locais também o fazem.

Neste contexto, é responsabilidade da escola incentivar novas formas de parceria com todos os atores da comunidade educativa, quer através da sua efetiva participação e corresponsabilização no desenvolvimento do projeto educativo de escola, quer através de outras formas de envolvimento na escola. Importa realçar a importância do envolvimento familiar e os impactos positivos quer para os alunos, quer para famílias e professores. Para os alunos verifica-se um maior acompanhamento escolar e consequente valorização da escola e uma atitude mais positiva face à mesma. Os pais sentem-se mais apoiados, compreendem melhor as necessidades das crianças e o processo educativo, desenvolvem expectativas mais positivas em relação ao sucesso escolar dos seus filhos e um maior sentimento de competência e de segurança face à escola. Por fim, os professores desenvolvem uma maior compreensão da diversidade das famílias e das suas necessidades aumentando a rede comunicativa e a satisfação face ao acompanhamento dado aos alunos. O aprofundamento desta relação leva ao estabelecimento de denominadores comuns que favorece o desempenho dos adultos nos seus respetivos papéis.

Do desenvolvimento da perspetiva socio-construtivista, emerge o ofício de professor como uma prática social onde os professores constituem comunidades de práticas que asseguram a construção, a manutenção e o desenvolvimento e inovação das próprias competências profissionais. Deste ponto de vista, é necessário considerar como unidade de análise privilegiada a comunidade de práticas dos professores integradas num projeto educativo institucional. Apenas através da construção de um património de conhecimentos, competências e modos de agir compartilhados podem nascer projetos de desenvolvimento profissional. A interação dialógica permite que se criem novos significados, relações e ações, que são co-construídas através da interação desenvolvida dentro de cada comunidade educativa e interiorizadas pelos diferentes intervenientes. Se podemos dizer que o ensino consiste em apoiar os alunos na sua zona de desenvolvimento potencial, importa não esquecer que também os professores constituem comunidades de práticas e que também precisam de oportunidades de apoio para desenvolverem a sua prática profissional. Para que estes apoios sejam efetivos é igualmente necessário que sejam disponibilizados na sua zona proximal de desenvolvimento profissional. É dentro desta perspetiva que os professores da Voz do Operário são desafiados e apoiados no desenvolvimento da sua prática profissional.